

“Já foi? Que pena”, diz Haddad após ser interrompido

Manifestante gritou, retirou-se e ato acabou em confusão na Unicamp

Por **Moara Semeghini**

A aula magna ministrada pelo pré-candidato ao governo do Estado de São Paulo e ex-ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), na noite desta quinta-feira (2), no Teatro de Arena da Unicamp, foi marcada por uma breve interrupção, seguida de confusão, provocada por um pequeno grupo de indivíduos de extrema-direita. Um dos envolvidos é Matheus Pereira (Missão), ligado ao MBL (Movimento Brasil Livre) que interrompeu a aula magna aos gritos. Sob fortes vaias do público de pelo menos 800 pessoas que lotava o teatro, o manifestante retirou-se rapidamente do local, acelerando os passos, sem dar tempo para o diálogo ou para sustentar o questionamento feito aos berros.

A provocação interna acabou estendendo-se para o lado de fora do Teatro de Arena, gerando um princípio de briga generalizada. Em vídeos

que circulam na internet, Pereira aparece recebendo uma rasteira durante tentativa de dispersão.

Funcionários da Unicamp que tentavam conter os ânimos foram agredidos e ameaçados, conforme mostram as imagens. A confusão entre participantes do evento e o grupo que provocou também foi marcada por socos e agressões físicas de ambos os lados, mas não há notícia de feridos. A organização do evento controlou a situação internamente e a Polícia Militar, embora acionada, informou que não precisou intervir na área interna do campus.

“ELE JÁ FOI? QUE PENA...”

O ex-ministro reagiu por alguns segundos ao ocorrido antes de retomar a palestra, destacando a falta de disposição do rapaz para o debate. Ao notar a fuga imediata, Haddad lamentou o recuo ao microfone: “Ele já foi? Que pena, porque, se tivesse ficado, eu podia conversar e



Aula magna ministrada pelo pré-candidato ao governo do Estado de São Paulo e ex-ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), lotou o Teatro de Arena da Unicamp na última quinta-feira (2)

respondê-lo”, comentou em tom mais baixo o palestrante, evidenciando que o intuito do ato foi apenas a interrupção barulhenta, e não o confronto democrático de ideias.

O Teatro de Arena tem capacidade para cerca de 800 pessoas e estava lotado por estudantes, professores e apoiadores para ouvir a aula ministrada por Haddad, que é professor doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP).

Em nota oficial, a Reitoria da Unicamp condenou veementemente os atos de violência e o tumulto registrados. “A interrupção, por meio de agressões, de uma atividade acadêmica aberta à comuni-

dade é inaceitável e contraria os princípios mais fundamentais da instituição”, diz a nota.

Além do posicionamento da Reitoria, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Unicamp também se manifestou, lamentando o ocorrido e acusando o grupo externo de desrespeitar os funcionários da segurança patrimonial da universidade. De acordo com a entidade, os militantes de direita foram ao evento com o propósito exclusivo de provocar e criar um ambiente de baderna.

HISTÓRICO DE AGRESSÕES

O episódio desta quinta-feira não foi isolado. Há cerca de uma semana, integrantes

do mesmo grupo interromperam a cerimônia em que Fernando Haddad recebia o título de cidadão honorário de Santo André (SP), sendo retirados do local após gritos e provocações. Na Unicamp, o grupo já havia invadido o IFCH em fevereiro, vandalizando murais estudantis e deixando três alunos feridos. Em março, homens ligados ao movimento atacaram um acampamento de greve em frente ao Ciclo Básico 2, derubaram barracas e fizeram ameaças, gerando boletim de ocorrência. Segundo lideranças locais, as ações buscam provocar confrontos para produzir vídeos e repercussão nas redes sociais.

Pré-candidato fala do pesadelo do pós-Bolsonaro

Por **Moara Semeghini**

“É difícil imaginar o que foi o pesadelo do pós-Bolsonaro. Muita coisa foi destruída no Brasil em quatro anos, muita coisa.” A afirmação foi feita pelo pré-candidato ao governo de São Paulo Fernando Haddad (PT), durante aula magna ministrada na noite da última quinta-feira (2), no Teatro de Arena da Unicamp. O ex-ministro da Fazenda usou o balanço das ações federais como ponto de partida para diagnosticar o que chamou de “involução” no Estado de São Paulo.

“Foi um pesadelo ter que reconstruir cada um dos programas sociais (após o fim do governo Bolsonaro). Farmácia Popular, Minha Casa, Minha Vida, um por um. Agora, mesmo eles, com toda essa ansia

destrutiva, não conseguiram destruir algumas conquistas, sobretudo aquelas que o povo brasileiro incorporou como valor”, afirmou. “Quando alguém incorpora, por exemplo, a questão do combate à fome. Ninguém aceita mais o Brasil como a pátria da fome. Isso aí, pode ter certeza que foi uma das coisas que derrubou o bolsonarismo. Quando a gente tem consciência de uma conquista, nem mesmo quando há uma alternância trágica no poder - que foi a eleição do Bolsonaro - mesmo assim tem coisa que não se consegue voltar para trás”, afirmou.

Segundo o ex-ministro, a atual gestão federal tem atuado de forma paulatina e sob severas restrições orçamentárias para recompor estruturas básicas de Estado. De acordo com o



Fernando Haddad ministra aula magna no Teatro de Arena da Unicamp

palestrante, foram necessários R\$ 100 bilhões apenas para recompor o piso do Sistema Único de Saúde (SUS), além de aportes expressivos para reerguer o orçamento da educação. “Minha

surpresa foi o fato de que nós estamos andando para trás”, alertou, elegendo a educação básica e o financiamento universitário como as principais fragilidades atuais.

Um dos pontos mais contundentes da aula magna foi dedicado à segurança pública. “E eu sou a favor que o campo progressista ensine a direita para fazer segurança pública. Esse é um tema que é nosso. Nós vamos ensinar como se faz segurança pública, como ensinamos tudo para eles”, disse. Ele fez um alerta direto sobre o avanço de empresas privadas de segurança que passam a exercer funções policiais nas cidades do interior paulista, muitas vezes geridas por ex-policiais.

“É um começo de milícia que está acontecendo no Estado de São Paulo. As pessoas acham que, como a segurança pública está em crise, devem contratar esse serviço, e não percebem que esse é o caminho do caos”, advertiu o pré-candidato a governador.